

# “QUE ESCOLA É ESSA QUE ESTÁ DESFILANDO?”: OS BLOCOS DE ENREDO DO CARNAVAL DO RIO DE JANEIRO

## “WHAT SAMBA SCHOOL IS THIS THAT IS PARADING?”: THE *BLOCOS DE ENREDO* OF RIO DE JANEIRO CARNIVAL

**Julio Cesar Valente Ferreira<sup>1</sup>**

Endereço Profissional: Av. Maracanã, 229 - Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, 20271-110

E-mail: [jcvferreira@hotmail.com](mailto:jcvferreira@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo aponta para os blocos de enredo que desfilam no carnaval do Rio de Janeiro a partir da construção identitária desta manifestação carnavalesca e análise das forças sociais que os mobilizam, considerando a atuação no campo do carnaval carioca. Amparado por matérias jornalísticas, consulta a arquivos, entrevistas e trabalho de campo, os blocos de enredo podem ser analisados como um lugar de elementos contraditórios ancorados no conceito de liminaridade.

**Palavras-chave:** Blocos de enredo. Rio de Janeiro. Carnaval. Escolas de samba.

**Abstract:** This paper points to the *blocos de enredo* that parade in Rio de Janeiro carnival from the identity construction of this carnival manifestation and analysis of the social forces that mobilize them, considering the performance in the field of carnival of city of Rio de Janeiro. Supported by journalistic articles, archival consultations, interviews and fieldwork, the *blocos de enredo* can be analyzed as a place for contradictory elements anchored in the concept of liminality.

**Key words:** Blocos de enredo. Rio de Janeiro. Carnival. Samba school.

---

<sup>1</sup>Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Adjunto do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) no Departamento de Engenharia Mecânica do campus Nova Iguaçu. Líder do Grupo de Pesquisa Produção e Economia de Comunhão. Coordenador Científico do Encontro de Engenharia no Entretenimento.

## Considerações iniciais

O presente artigo tem como objetivo compreender a dinâmica de atuação dos blocos de enredo no campo do carnaval da cidade do Rio de Janeiro a partir da análise dos elementos constituintes de sua construção identitária e das forças sociais que os mobilizam.

A folia carioca é multifacetada, com várias manifestações compartilhando o espaço carnavalesco, apesar da própria municipalidade direcionar seus esforços de comunicação com foco nas grandes escolas de samba e nos blocos de rua, conforme se verifica em sua última publicação sobre a memória do carnaval da cidade (RIOTUR<sup>2</sup>, 2014)<sup>3</sup>.

Apontar para os blocos de enredo, objeto da presente pesquisa, cuja definição será trabalhada ao longo desta seção inicial, nos revela uma face pouco conhecida e divulgada do carnaval carioca, além dos aspectos de concentração / dispersão dos lugares carnavalescos pelos bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Ao adentrarem no universo das escolas de samba dos últimos grupos de acesso<sup>4</sup> que desfilam no Rio de Janeiro, Barbieri (2009)<sup>5</sup> e Ferreira (2008)<sup>6</sup> depararam-se com a realidade dos blocos de enredo. Apesar de serem distintas manifestações carnavalescas, no Rio de Janeiro, as escolas de samba e os blocos de enredo têm como origem as camadas periféricas urbanas, além do fato de que muitas escolas de samba (principalmente aquelas pertencentes aos últimos grupos de acesso) originaram-se de um ou mais blocos de enredo. Outra referência que correlaciona blocos de enredo e escola de samba é encontrada em Valença (1996, p. 42)<sup>7</sup>: “Os blocos de enredo, quando bem organizados, acabam se transformando, com o passar do tempo, escolas de samba. (...) Outros, porém, mantêm sua condição de blocos e têm grande importância em suas comunidades.” Importante destacar que não há um aprofundamento posterior no tema, visto que as publicações em questão não são dedicadas aos blocos de enredo, mas sinalizam os mesmos como elementos importantes

---

2 Autarquia da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro encarregada pela execução da política municipal de turismo, sendo também responsável pela organização do carnaval da cidade. de turismo, sendo também responsável pela organização do carnaval da cidade.

<sup>3</sup> RIOTUR. *Carnaval do Rio: o maior show da Terra*. Rio de Janeiro: RIOTUR, 2014.

<sup>4</sup> Por últimos grupos de acesso, defino como os grupos da divisão hierárquica das escolas de samba que não desfilam na Rua Marquês de Sapucaí (popularmente conhecida como Sambódromo), na região central da cidade do Rio de Janeiro, apresentando-se todos deste caso, nos últimos anos, na Estrada Intendente Magalhães, pista de desfile afastada da região central do município. Durante o período da pesquisa, as 1ª e 2ª divisão hierárquica (denominadas Grupo Especial e Série A, respectivamente) desfilaram no Sambódromo e da 3ª a 6ª divisão hierárquica (denominadas Séries B, C, D e E, respectivamente), seu local de apresentação foi a Estrada Intendente Magalhães

<sup>5</sup> BARBIEIRI, Ricardo José de Oliveira. *Conflito e sociabilidade em uma pequena escola de samba: o Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

<sup>6</sup> FERREIRA, Antônio Eugênio Araújo. *Valorizando a batucada: um estudo sobre as escolas de samba dos grupos de acesso C, D e E do Rio de Janeiro*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

<sup>7</sup> VALENÇA, Raquel Teixeira. *Carnaval: para tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

para a configuração do cenário do carnaval carioca. Estes trabalhos não são dedicados ao estudo dos blocos de enredo, sendo eles citados por se relacionarem com o objeto de estudo das obras.

Há de se destacar também as narrativas que naturalizam um discurso hierarquizante com as escolas de samba para caracterizar este tipo de manifestação carnavalesca. “Os blocos de enredo eram *escolas de samba em escala reduzida*, que desfilavam e competiam.” (COSTA, 2001, p. 177, *grifo meu*)<sup>8</sup>. “Nas noites de sexta e sábado desfilam na Intendente Magalhães os blocos de enredo dos grupos de acesso. São grupos pequenos, *protótipos de escolas de samba*.” (FERREIRA, 2008, p. 98, *grifo meu*)<sup>9</sup>. “Os blocos de enredo podem ser definidos como “*mini-escolas de samba*”, uma vez que além das fantasias são confeccionadas também algumas alegorias.” (SANTOS, 2012, p. 21, *grifo meu*)<sup>10</sup>. “Embora funcionando como uma *sub-escola de samba*, o bloco de enredo mantém diferenças fundamentais com a escola de samba, pela presença de estandarte e a ausência de carros alegóricos.” (FERNANDES, 1986, p. 24, *grifo meu*)<sup>11</sup>.

Esta gama de trabalhos chamou a atenção para a existência de uma manifestação carnavalesca, os blocos de enredo, atualmente pouco divulgada, nunca estudada em profundidade, mas que ainda se estabelece como contraponto às escolas de samba no que tange às competições carnavalescas na cidade do Rio de Janeiro. Barbieri (2009)<sup>12</sup> também destaca estas relações ao realçar que “(...) paralelamente a esse mundo das escolas de samba, uma outra forma carnavalesca – os blocos de enredo – convive com esse sistema em constante interseção, pois a cada ano há blocos que viram escolas e escolas que viram blocos.” (BARBIEIRI, 2009, p. 20).

Outra questão que considero interessante foi a expressão comumente ouvida ao longo do trabalho de campo empreendido durante os desfiles dos blocos de enredo, quando alguém me perguntava: “*Que escola é essa que está desfilando?*”, entendendo que se tratava de uma escola de samba. Ao tentar explicar que se tratava de um bloco de enredo, normalmente ouvia como resposta expressões do tipo: “*mas, parece escola de samba...*”, “*tem certeza que é bloco?*”. Isto me revelou que a identificação com as escolas de samba também ocorria no não reconhecimento dos blocos de enredo como blocos, em seu sentido

---

<sup>8</sup> COSTA, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2001.

<sup>9</sup> FERREIRA, Antônio Eugênio Araújo. *Valorizando a batucada: um estudo sobre as escolas de samba dos grupos de acesso C, D e E do Rio de Janeiro*. *Op. cit.*

<sup>10</sup> SANTOS, Jean Fagner dos. *Carnaval carioca: um negócio de entretenimento*. Monografia (Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão Estratégica de Vendas e Negociação), Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2012.

<sup>11</sup> FERNANDES, Neusa. *Síntese da história do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Ciência e Cultura, Departamento Geral de Cultura, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, Divisão de Pesquisa da Manifestação Cultural, 1986.

<sup>12</sup> BARBIEIRI, Ricardo José de Oliveira. *Conflito e sociabilidade em uma pequena escola de samba: o Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador*. *Op. cit.*

*lato sensu*, estando-os então em um lugar de liminaridade, a partir do conceito proposto por Turner (2013)<sup>13</sup> e adotado por Leopoldi (2010)<sup>14</sup> na análise do carnaval, por não serem escolas de samba e nem possuindo as características estéticas que os identificassem como blocos. A liminaridade estaria entre o caráter estruturado das relações engendradas para um desfile de perfil competitivo e o caráter não estruturado (*communitas*) de um desfile sem competição.

Antes de, propriamente, abordar a dinâmica de atuação dos blocos de enredo no campo do carnaval carioca, faz-se necessário estabelecer uma tipologia dos blocos carnavalescos que desfilam no Rio de Janeiro, pois não se trata de uma categoria monolítica e também auxilia sobre o debate do lugar da liminaridade dos blocos de enredo no campo do carnaval carioca.

Com relação aos blocos carnavalescos (ou, simplesmente, blocos), Costa (2001)<sup>15</sup> e DaMatta (1997)<sup>16</sup> enfatizam o caráter estritamente local de seus nascedouros. “Os blocos são a explosão mais espontânea do carnaval carioca. Em geral um bloco nasce da decisão de vizinhos da mesma rua e do mesmo bairro.” (COSTA, 2001, p. 175).

As definições dos tipos de blocos carnavalescos que desfilam no carnaval carioca são propostas a partir do trabalho de campo empreendido nesta pesquisa e das publicações de DaMatta (1997) e Pereira (2003)<sup>17</sup>, tendo como critérios o formato e o padrão visual dos desfiles. Desta forma, estabeleceram-se quatro tipos: (i) blocos de rua, (ii) blocos de embalo, (iii) blocos afro e (iv) blocos de enredo.

Sobre as definições relativas às manifestações carnavalescas, Leopoldi (2010)<sup>18</sup> aponta que elas revelam essencialmente aspectos externos, geralmente relativos aos cortejos empreendidos, minimizando elementos significativos que emergem em seu contexto social. Entretanto, este tipo de definição é útil para caracterizarmos inicialmente o objeto de estudo em questão, os blocos de enredo, diferenciando-o dos demais tipos de blocos carnavalescos, além de possibilitar o recorte básico de posicionamento de cada um dos tipos de bloco no interior do campo do carnaval carioca.

---

<sup>13</sup> TURNER, Victor Witter. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013 (1974).

<sup>14</sup> LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010 (1978).

<sup>15</sup> COSTA, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2001.

<sup>16</sup> DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997 (1979).

<sup>17</sup> PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Cacique de Ramos: uma história que deu samba*. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.

<sup>18</sup> LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. *Op. cit.*

Os blocos de rua desfilam no formato de procissão<sup>19</sup>, sem o uso de fantasia obrigatória e sem necessariamente estarem filiados a ligas, associações ou federações de qualquer natureza.

Os blocos de embalo desfilam no formato de parada<sup>20</sup>, sem necessariamente possuírem alegorias ou enredo, apresentando, no máximo, uma camisa padronizada utilizada pelos desfilantes, não estabelecendo caráter competitivo. Eles se apresentam em pistas preparadas pela prefeitura (atualmente, só utilizando aquela situada na região central da cidade<sup>21</sup>) e, eventualmente, na localidade onde está sediado.

Os blocos afro desfilam em formato de parada sem caráter competitivo, na terça-feira de carnaval, na mesma pista situada na região central da cidade, por onde também passam os blocos de enredo e os blocos de embalo. Os blocos afro (também denominados como afoxés) surgiram a partir da década de 1970 no esteio do crescimento do movimento negro no Brasil, refletindo no carnaval a afirmação de uma identidade sonora ligadas aos tambores e sons característicos dos terreiros de Candomblé.

Os blocos de enredo possuem estrutura competitiva, estética visual e musical similar às escolas de samba e desfilam no formato de parada, sendo todas as agremiações deste tipo organizadas na Federação dos Blocos Carnavalescos do Estado do Rio de Janeiro – FBCERJ, fundada em 1965.

### **Questões metodológicas**

A partir do fato de que o bloco de enredo é um objeto de estudo pouco conhecido e trabalhado, a estrutura da pesquisa revela seu caráter exploratório, considerando a necessidade de aproximação com a realidade empírica em questão. O resultado deste trabalho foi obtido através de um estudo com enfoque predominantemente qualitativo, incluindo a utilização de dados quantitativos, compreendendo o período de 1965 (ano de fundação da FBCERJ) até 2017.

---

<sup>19</sup> O desfile em formato de procissão prevê o cortejo de pessoas percorrendo diversas ruas e avenidas orientado pelo caminho traçado e executado por um núcleo central, o qual neste caso é representado pelos intérpretes e músicos e sistemas móveis de amplificação do som gerado por estes. Cabe destacar que muitas agremiações identificadas como blocos de rua não desfilam, permanecendo paradas no local de concentração.

<sup>20</sup> O desfile em formato de parada prevê a preparação de uma avenida ou rua para o ritual e nela se destacam locais por onde devem passar os desfilantes, onde deve ficar a plateia e o lugar destinado às autoridades e comissão julgadora.

<sup>21</sup> Atualmente, além do Sambódromo, outras duas pistas de desfiles são preparadas pela prefeitura para a consecução dos desfiles dos blocos e das escolas de samba dos últimos grupos de acesso. São elas hoje situadas na: (i) Avenida Chile, região central da cidade e (ii) Estrada Intendente Magalhães, no bairro de Campinho, distante da região central da cidade.

Para a consecução do objetivo da pesquisa, possui relevância o delineamento, a observação e a compreensão das disputas no campo<sup>22 23</sup> do carnaval carioca. O posicionamento e a atuação dos blocos de enredo (e de qualquer outra agremiação carnavalesca) nesta arena são explicados através da compreensão do processo de construção de sua identidade e do delineamento das forças sociais que os mobilizam e das redes, internas e externas, conforme Bott (1957 apud MAYER, 2010)<sup>24</sup>, de apoio que suportam suas atividades.

Neste campo, também deve ser levada em consideração a representação institucional dos blocos de enredo no carnaval do Rio de Janeiro desde a constituição da FBCERJ até a atualidade. Por fim, como consequência deste conflito de forças, devem ser destacados os processos pelos quais passaram os blocos de enredo e que levaram parte deles a se transformar em escola de samba e outros não.

Para a consecução dos desfiles e, em muitos casos, das atividades em suas quadras, as agremiações carnavalescas necessitam estabelecer relações com outros agentes, configurando redes de apoio internas e externas, conforme conceito apresentado por Mayer (2010)<sup>25</sup>, à agremiação.

Diferentemente das escolas pertencentes às divisões hierárquicas que desfilam no Sambódromo, a pesquisa constatou no conjunto das agremiações pesquisadas (blocos de enredo e escolas de samba dos últimos grupos de acesso) a dependência praticamente única dos poderes públicos para o financiamento das apresentações dos blocos de enredo.

Em relação às manifestações carnavalescas de caráter competitivo, a estratégia de sobrevivência das escolas de samba inicialmente apontou para o apoio da intelectualidade e a aproximação cada vez maior com os poderes públicos. Porém, a estratégia foi se reorientando desde a década de 1950 ao incorporarem o mecenato dos responsáveis pelo jogo do bicho como forma de se capitalizarem para a realização de seus desfiles e demais atividades<sup>26</sup> e, assim, garantiu a manutenção e sucesso da empreitada (hoje, considerando

---

<sup>22</sup> Os conceitos de campo e *habitus* adotados neste artigo são apresentados em Bourdieu (1989). O campo é entendido como um microcosmo dotado de certa autonomia ao mesmo tempo em que é influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. Por *habitus*, consideram-se as restrições estruturais impostas sobre a ação dos agentes no campo, bem como suas capacidades ativas e criadoras, sendo então produto e condição da posição social ocupada.

<sup>23</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

<sup>24</sup> MAYER, Adrian. A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010 (1987), p. 139-170.

<sup>25</sup> MAYER, Adrian. A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. *Op. cit.*

<sup>26</sup> Cf.: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006; CHINELLI, Filippina; SILVA, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre as escolas de samba e o jogo do bicho. *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 42-52, 1993.

neste recorte aquelas que desfilam no Sambódromo). Os blocos de enredo ficaram dependentes quase que exclusivamente do poder público.

Considerando as questões acima, montou-se um cenário com cinco conjuntos de agremiações: (i) Blocos de enredo já existentes no período temporal de constituição da FBCERJ e que permanecem com este estatuto (do Barriga e Cometas do Bispo). (ii) Blocos de enredo que já se manifestaram abertamente em se transformar em escolas de samba (Flor da Primavera e Oba-Oba do Recreio). (iii) Escolas de samba que já foram blocos de enredo (Boca de Siri e Arame de Ricardo). (iv) Agremiações com alternância entre ser uma escola de samba ou um bloco de enredo, modificando seu estatuto ao longo do tempo (Canários das Laranjeiras e Unidos do Cabral). (v) Escolas de samba fundadas a partir de 2015 e que optaram por este estatuto sem terem sido anteriormente blocos de enredo (Embaló Carioca e Feitiço do Rio). No Quadro 1, listam-se breves questões sobre as agremiações e que auxiliaram a mapear o panorama das posições de blocos de enredo (Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco – G.R.B.C.) e escolas de samba (Grêmio Recreativo Escola de Samba – G.R.E.S.) dos últimos grupos de acesso no campo do carnaval carioca.

Quadro 1 – Dados sobre as agremiações pesquisadas

<b>Agremiação</b>	<b>Dados</b>
G.R.B.C. do Barriga	Fundado em 1944, nunca se transformou em escola de samba. Fundador da FBCERJ, permanecendo nesta entidade desde então. Em 2017, encontrava-se no Grupo 1, tendo sido o campeão do Grupo 2 em 2015 e do Grupo 1 em 2017.
G.R.B.C. Cometas do Bispo	Fundado em 1962, nunca se transformou em escola de samba. Fundador da FBCERJ, permanecendo nesta entidade desde então. Pertencia ao Grupo 2 em 2017, sendo seu último título relativo ao campeonato de 2016 do Grupo 3 da FBCERJ.
G.R.B.C. Flor da Primavera	Fundado em 1977, somente passou a desfilar como bloco de enredo na FBCERJ a partir de 2000, quando experimentou ascensão rápida e integra o Grupo 1 desde 2002 (com exceção de 2005, quando desfilou no Grupo 2). Em 2017, encontrava-se no Grupo 1, onde fora campeão em 2015, já tendo manifestado o desejo de se transformar em escola de samba.
G.R.B.C. Oba-Oba do Recreio	Iniciou suas atividades em 2009 e desfila como bloco de enredo a partir de 2011. No ano de 2015, esta agremiação pleiteou vaga como escola de samba na Série E, posteriormente desistindo. Em 2016, desfilou pela primeira vez no Grupo 1, após o vice-campeonato do Grupo 2 da FBCERJ em 2015, tendo sido rebaixado após o desfile de 2017.
G.R.E.S. Boca de Siri	Fundado em 1979, passa a desfilar como bloco de enredo a partir de 2004, sendo alçado, por intermédio da RIOTUR, à condição de escola de samba em 2012, após vencer cinco vezes, de forma consecutiva, o Grupo 1 da FBCERJ, entre 2007 e 2011. Em 2017, encontrava-se na Série C.
G.R.E.S. Arame de Ricardo	Fundado em 1956, desfilou como bloco de enredo a partir de 1977 e passou à condição de escola de samba em 1995. Em 2017, estava na Série B.

G.R.B.C. Canários das Laranjeiras	Fundado em 1949, foi um dos instituidores da FBCERJ. Como bloco de enredo, foi um dos principais a se apresentar nas décadas de 1970 e 1980, incluindo a conquista de 10 (dez) títulos no Grupo 1 e nunca ter sido rebaixado de divisão hierárquica nesta época. Em 1988, tornou-se escola de samba, chegando a desfilir na Série A em 1994 e 1995. Posteriormente, experimentou rebaixamentos e permanências nos últimos grupos de acesso até ser suspenso de desfilir como escola de samba após o desfile em 2012, quando se classificou entre os seis piores colocados da Série E. Com isso, retornou à FBCERJ e, em 2017, desfilou no Grupo 2 da FBCERJ, optando por não retornar a ser escola de samba em 2015 com a abertura da Série E para qualquer agremiação.
G.R.E.S. Unidos do Cabral	Fundado em 1953, filiou-se à FBCERJ no segundo ano de existência desta. Nas décadas seguintes, frequentou as principais divisões hierárquicas da FBCERJ, quando paralisou suas atividades após o carnaval de 1991. Em 1998, retornou como escola de samba, sempre permanecendo nos últimos grupos de acesso. Também suspensa de desfilir como escola de samba após o desfile em 2012, retornou à FBCERJ e sofreu rebaixamentos consecutivos. Em 2015, ao invés de desfilir no Grupo 3 da FBCERJ, solicitou reingresso como escola de samba na Série E. Após o desfile de 2017, foi suspensa após ter ficado nas últimas colocações na Série E.
G.R.E.S. Embaló Carioca	Fundado em 2001 como bloco de embalo, permaneceu com este estatuto até 2015. Em 2016, desfilou pela primeira vez como escola de samba, na Série E. Após o desfile de 2017, a agremiação foi suspensa após ter ficado nas últimas colocações na Série E.
G.R.E.S. Feitiço do Rio	Fundado em 2016 como escola de samba, sem ter sido bloco ou qualquer outro tipo de agremiação ou manifestação carnavalesca em qualquer momento anterior, desfilou pela primeira vez em 2017 na Série E, permanecendo neste patamar.

Fonte: Elaborado pelo autor

Como fonte inicial de consulta de dados, optou-se pelas matérias jornalísticas, as quais possibilitaram inicialmente a verificação da ocorrência de termos que permitem uma constatação primária sobre a existência e penetração da cobertura sobre o carnaval dos blocos carnavalescos, tendo clara a preocupação com o que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (LUCA, 2010, p. 139)<sup>27</sup>. Esta consulta foi promovida nas bases de dados mantidas pela Biblioteca Nacional, através da Hemeroteca Digital, e pelo jornal O Globo. Atualmente, ambos contam com acervos digitalizados e busca por palavras-chaves e expressões exatas através de algoritmos de reconhecimento ótico de caracteres.

A parte documental colhida envolveu a consulta aos arquivos da FBCERJ, blocos de enredo e escolas de samba. Outra fonte documental foi o memorial sobre o carnaval carioca publicado por RIOTUR (1991)<sup>28</sup>, o qual permitiu consultar a relação de locais de desfiles, os

<sup>27</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008 (2005), p. 111-153.

<sup>28</sup> RIOTUR. *Memória do carnaval*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1991.

enredos apresentados, os resultados dos concursos e os endereços à época das sedes dos blocos de enredo e escolas de samba.

Também foi promovida a observação participante sistemática das plenárias da FBCERJ. Nestas reuniões, além de informes e discussões sobre os processos de negociação e conflito com a RIOTUR e outras entidades gestoras de desfiles de carnaval, havia também o debate interno sobre os caminhos a serem trilhados pela FBCERJ e pelos blocos de enredo e a ela filiados e a partilha das dificuldades vivenciadas por estas agremiações em manter suas atividades durante o ano e para a montagem do desfile. Também, e não menos importante, era um momento de estar com os representantes dos blocos de enredo e da diretoria da FBCERJ, onde valiosas contribuições surgiram a partir de entrevistas informais.

A observação participante estendeu-se aos desfiles realizados durante o período de carnaval, desde o preparo dos mesmos até sua apresentação, e aos eventos promovidos pelos blocos de enredo e escolas de samba dos últimos grupos de acesso ao longo do ano. No caso dos desfiles, é possível observar a estrutura atual que norteia os padrões visuais e musicais dos desfiles e as relações estabelecidas entre os desfilantes, as agremiações e o público espectador. Sobre os eventos, geralmente eles são realizados em suas quadras ou nas ruas da localidade, espaços socialmente construídos onde os integrantes se reúnem para ensaiar, prepararem-se para o carnaval e realizarem atividades de entretenimento que reforçam os laços sociais estabelecidos a partir deste lugar. Além do momento específico do desfile, nas quadras, os componentes destas agremiações buscam estabelecer outro espaço para afirmar sua existência cultural.

As entrevistas semiestruturadas<sup>29 30 31</sup> foram feitas a partir de duas abordagens, sendo a primeira focada em grupos de memórias nas agremiações (blocos de enredo e escolas de samba dos últimos grupos de acesso) e entidades gestoras (ligas, associações ou federações que reúnem agremiações) e a segunda a partir de entrevistas individuais com profissionais (pessoas com atuação no carnaval e inseridas em algum momento no ambiente das agremiações) e ocupantes de cargos públicos (pessoas com passagens em cargos eletivos e/ou funções públicas). As entrevistas foram realizadas durante os anos de 2016, 2017 e 2018

---

<sup>29</sup> Cabe explicitar que este trabalho não se trata de um projeto de história oral, a partir do entendimento dos estatutos propostos por Ferreira e Amado (2006) e Meihy e Holanda (2013). Esta pesquisa utiliza a história oral como técnica, e não como método ou disciplina, valendo-se das entrevistas como mecanismo de operação com a capacidade de guiar a pesquisa rumo a caminhos projetados, trabalhando então com outras fontes. Desta forma, “as entrevistas comporiam um sentido mais resolutivo entre as fontes e teriam suas aplicações determinadas claramente, portanto mais que simples “ferramenta” para comprovar o andamento de algo desejado ou pressuposto.” (MEIHY E HOLANDA, 2013, p. 70)

<sup>30</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006 (1996).

<sup>31</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013 (2007).

em diversos locais. Com relação às agremiações e entidades gestoras, as entrevistas foram realizadas nas sedes ou quadras das mesmas. No caso da não existência deste local físico, as entrevistas foram promovidas em bares próximos às residências dos participantes. No caso das entrevistas com profissionais e ocupantes de cargos públicos, fui recebido em residências ou locais de trabalho, ocorrendo também o agendamento em bar próximo à residência do participante.

Compreendendo o caráter das interações entre os indivíduos em um determinado grupo e seus processos comunicativos como orientadores das recordações, destacado por Halbwachs (1990)<sup>32</sup>, e considerando os aspectos relativos ao esquecimento e ao silêncio, formaram-se grupos de memória compostos por duas, três pessoas ou mais, construídos geralmente a partir de negociações estabelecidas entre o pesquisador e os membros dos corpos dirigentes das agremiações e entidades gestoras participantes da pesquisa.

Estes grupos de memória foram estruturados para a realização das entrevistas considerando a perspectiva de Halbwachs (1990), entendendo-os como grupos de partilha, sem objetivar uma ação efetiva de intervenção social, mas sim por se caracterizar por partilhar experiências em comum, constituindo assim um tipo de ação comunicativa<sup>33</sup>.

As entrevistas feitas com os grupos de memória dos blocos de enredo e escolas de samba e dos dirigentes da FBCERJ objetivaram tratar de questões relativas aos históricos das agremiações e da entidade e suas participações no universo do carnaval, as forças sociais que as mobilizam e como elas configuraram e estruturaram as redes de apoio às atividades e se as mesmas foram mantidas ou desmobilizadas. A entrevista com o grupo de memória formado por pessoas que atuaram na Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ)<sup>34 35 36 37 38</sup> colaborou na compreensão do campo de disputas pela primazia

---

<sup>32</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990 (1925).

<sup>33</sup> Cabe ressaltar que, em momentos durante as entrevistas nas agremiações e entidades gestoras, os participantes enunciaram a importância daquele instante e que o mesmo pudesse inspirar os membros a constituírem grupos de memória no sentido de subsidiar a atuação das agremiações e entidades gestoras no campo do carnaval carioca.

<sup>34</sup> Atualmente, três entidades gestoras organizam os desfiles das escolas de samba na cidade do Rio de Janeiro. Até o ano de 1984, todos os grupos eram organizados pela AESCRJ, quando então surgiu a Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), entidade gestora do desfile do Grupo Especial (principal divisão hierárquica das escolas de samba). Em 2008, surgiu outra entidade, hoje denominada Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIERJ), que gerencia o desfile das escolas de samba da Série A (segunda divisão hierárquica das escolas de samba). Por fim, a partir de 2016, a AESCRJ dissolve-se completamente e os desfiles das escolas de samba que ocorrem na Estrada Intendente Magalhães são divididos e passam a ser organizados separadamente por duas entidades: Liga das Escolas de Samba do Brasil (LIESB), para a Série B, e Associação Cultural Samba É Nosso (ACSN), para as demais divisões hierárquicas. Em 2017, estas duas entidades entraram em acordo e a LIESB assumiu a organização dos desfiles de todas as séries que desfilam na Estrada Intendente Magalhães. A LIESA é abordada nos trabalhos de Costa (2011), Cavalcanti (2006), Chinelli; Silva (1993) e Prestes Filho (2015). Os processos empreendidos no percurso de criação e desenvolvimento da LIERJ, da LIESB e da ACSN ainda não foram abordados academicamente.

<sup>35</sup> COSTA, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. Op. cit.

<sup>36</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Op. cit.

<sup>37</sup> CHINELLI, Filipina; SILVA, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre as escolas de samba e o jogo do bicho. Op. cit.

<sup>38</sup> PRESTES FILHO, Luiz Carlos. *O maior espetáculo da Terra: 30 anos de Sambódromo*. Rio de Janeiro: Lacre, 2015.

dos festejos carnavalescos na cidade. As entrevistas com os grupos de memória formados nas entidades gestoras dos desfiles dos blocos de rua permitiram delinear o grau de conflito na ocupação do espaço público e a primazia da enunciação do discurso de renascimento do carnaval de rua da cidade com relação às demais agremiações que desfilam na rua (aqui, entendido como qualquer lugar fora do Sambódromo).

As entrevistas individuais com profissionais visaram possibilitar emergir discursos construídos a partir de pessoas que circulam ou circularam por agremiações e entidades gestoras, além de órgãos da administração municipal. Trata-se de atores inseridos no campo do carnaval carioca e que trazem uma perspectiva diferente daquela constatada nas agremiações e entidades gestoras pelo fato de não se fixarem em uma delas especificamente. Esta circularidade permitiu identificar e trazer para a pesquisa uma construção narrativa diferente das representações sociais enunciadas pelos grupos anteriormente relacionados (KUSCHNIR, 2003)<sup>39</sup>.

Por fim, as entrevistas individuais com ocupantes de cargos públicos foram consideradas no desenho desta pesquisa, pois Diniz (1982)<sup>40</sup>, Gonçalves (2008)<sup>41</sup> e Zaluar (1985)<sup>42</sup> os identificam como elo importante entre o poder público e as agremiações e entidades gestoras dentro do campo do carnaval carioca.

O composto de entrevistas é sistematizado no Quadro 2, considerando os grupos de memória, as entrevistas individuais e o número de entrevistados, além de seus lugares e posições de fala<sup>43</sup>. Por conta do número e características dos entrevistados no Bloco do Barriga, Bloco do Cometas dos Bispo e da FBCERJ, foram realizadas entrevistas com dois grupos de memória distintos.

---

<sup>39</sup> KUSCHNIR, Karina. Uma pesquisadora na metrópole: identidade e socialização no mundo da política. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 20-42.

<sup>40</sup> DINIZ, Eli. *Voto e máquina política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>41</sup> GONÇALVES, Renata de Sá. *A dança nobre no espetáculo popular: a tradição como aprendizado e experiência*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

<sup>42</sup> ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>43</sup> Todos os entrevistados dos blocos de enredo, escolas de samba e entidades gestoras participam ou participaram das respectivas diretorias. No intuito de especificar mais o lugar de fala de cada um destes entrevistados, sem, no entanto, expô-los (o que permitiria a identificação do entrevistado), optou-se por configurar estas diretorias em três partes. A primeira é a parte administrativa onde se encontram o presidente, o vice-presidente, secretário, direção de patrimônio e conselho fiscal. A segunda é relativa à parte social onde estão a direção cultural, direção de eventos e a direção de comunicação. A terceira é relativa à parte do desfile onde se encontram a direção de carnaval, a direção de barracão, a direção musical e o carnavalesco (ou comissão de carnaval).

Quadro 2 – Dados sobre o conjunto dos entrevistados

<b>Conjunto</b>	<b>Número de entrevistados, lugares e posições de fala</b>
G.R.B.C. do Barriga	- Zenaide e Perivaldo – Participaram da parte administrativa nas décadas de 1990 e 2000. Posteriormente, ingressaram na parte social. - Fabinho e Sabóia – Atuam desde 2002 na parte administrativa. - Barranco – Atua desde 2012 na parte do desfile.
G.R.B.C. Cometas do Bispo	- Giba, Marcos, Pedro e João – Já estiveram em todas as partes da diretoria nas décadas de 1970 a 1990. Hoje, somente frequentam a quadra ocasionalmente. - Odair e Valdemar – Atuam desde 2016 na parte administrativa e do desfile.
G.R.B.C. Flor da Primavera	- Genaro e Venâncio – Filhos de pessoas que estiveram na parte administrativa nas décadas de 1970 e 1980. Desde 2000, atuam diretamente na parte administrativa e do desfile.
G.R.B.C. Oba-Oba do Recreio	- Geovani – Um dos fundadores da agremiação e sempre atuante na parte administrativa. - Débora – Atua na parte social desde 2017. - Fortaleza – Atua na parte do desfile desde 2017.
G.R.E.S. Boca de Siri	- Valinho e Cassiano – Integrantes da parte administrativa desde o início da agremiação como bloco de enredo.
G.R.E.S. Arame de Ricardo	- Rui e Bernardo – Alternam participações na parte administrativa e do desfile desde o início da agremiação como bloco de enredo. - Tatá – Já atuou na parte administrativa nas décadas de 1980 a 2000. Hoje, está na parte do desfile.
C.C. Canários das Laranjeiras	- Vicente – Integrante da parte administrativa ao longo da década de 2010. - Alberto – Atuou na parte administrativa nas décadas de 1990 e 2000
G.R.E.S. Unidos do Cabral	- Vavá, Ângelo e Fininho – Todos atuantes na parte administrativa e na parte do desfile desde a década de 1970.
G.R.E.S. Embalo Carioca	- Moura – Um dos fundadores da agremiação e sempre atuante na parte administrativa desde o início da agremiação como bloco de embalo. - Ângela – Atuante na parte administrativa desde 2017. - Coruja – Atuante na parte social desde 2017.
G.R.E.S. Feitiço do Rio	- Delza, Evaldo e Fabiana - Fundadores da agremiação com atuação na parte administrativa e na parte do desfile. - Maurílio – Um dos fundadores da agremiação com atuação na parte social.
FBCERJ	- Altineu – Membro integrante da parte administrativa desde a década de 1980. - Fagundes – Membro integrante da parte administrativa desde a década de 1990. - Daniel e Hélio – Membros integrantes da parte administrativa desde a década de 2000.
AESCRJ	- Isaac – Atuou na parte administrativa de 2013 a 2017. - Fred – Integrante na parte administrativa entre as décadas de 1990 e 2000.
Associação Sebastiana	- Carolina e Chico – Fundadores e atuantes na parte administrativa da entidade.
Profissionais	- Anselmo – Jornalista especializado em cobertura de carnaval e atuante desde 2003 com passagens em redações de veículos de comunicação e como assessor de imprensa em escolas de samba. - Joaquim – Assessor de imprensa de blocos de enredo e escolas de samba entre as décadas de 1970 e 1990. Atuou na área de comunicação da Divisão de Certames da RIOTUR na década de 1980.
Ocupantes de cargos públicos	- Kátia – Atuou na Direção da Divisão de Certames da RIOTUR (setor responsável pela organização dos desfiles de carnaval) entre 1983 e 1991. - Ananias – Atuou na área de comunicação da Divisão de Certames da RIOTUR na década de 1980. Também atuou na FBCERJ na parte social durante a década de 1990.

Fonte: Elaborado pelo autor

## Construção identitária

A identidade é relacional e marcada pela diferença. O sentimento de identidade é tomado no sentido da imagem de si, para si e para os outros, sendo as construções identitárias ocorrendo em um cenário de disputas e negociações. Dentre as concepções possíveis de identidade, as quais foram sistematizadas por Hall (2005)<sup>44</sup>, conclui-se que, na modernidade, vivencia-se uma construção identitária multifacetada (e, por vezes, contraditória em si) e um processo de identificação provisório e variável de estabelecimento das identidades culturais. Por outro lado, a afirmação das identidades demanda formas de autenticação, sendo muito frequentemente feita por reivindicações da história do grupo cultural em questão assentadas, por exemplo, em termos de tradição, território e cultura (WOODWARD, 2003)<sup>45</sup>.

Desta forma, não pode haver identidade sem memória e não pode haver memória sem identidade, pois a memória expressa sentimentos de continuidade ou coerência na reconstrução de si, sendo elemento constituinte do sentimento de identidade (CANDAU, 2013)<sup>46</sup>. A relação entre identidade e memória coloca que a identidade se manifesta como um relato, um discurso referenciado em si próprio que se projeta como uma totalidade sustentada pela natureza do acontecimento recordado e os contextos sincrônicos do acontecimento e da rememoração. Por outro lado, o esquecimento pode ser usado como inicializador, por parte de indivíduos ou grupos, de um processo de construção ou restauração da imagem de si de forma a satisfazer especificidades conjunturais (CANDAU, 2013). Entende-se a construção identitária dos blocos de enredo a partir de uma perspectiva multifacetada e, por vezes, com elementos contraditórios.

As observações externas às agremiações e entidades gestoras alternam em identificar os blocos de enredo hierarquicamente inferiores às escolas de samba, mas também, por outro lado, em determinadas entrevistas e fontes secundárias apontou-se para uma coexistência entre blocos de enredo e escolas de samba, com cada uma tendo sua escala de valores e de hierarquização, as quais podem até serem comparadas.

Entretanto, mesmo considerando de forma simplista os blocos de enredo como um projeto de escolas de samba, sendo assim estabelecida uma ordem hierárquica, constata-se que estas manifestações carnavalescas começam a tomar forma na mesma época. Remetendo às primeiras décadas do século XX, com o surgimento e o crescimento dos

---

<sup>44</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005 (1992).

<sup>45</sup> WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 7-72.

<sup>46</sup> CANDAU, Joël. *Antropologia da memória*. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

desfiles dos ranchos e dos blocos, Ferreira (2004)<sup>47</sup> destaca que os quesitos julgados nestes primeiros concursos estabeleciam que a alteridade dos blocos se estabelecia com os ranchos, ‘deixando perceber que os “blocos” eram uma espécie de versão mais pobre, e talvez mais jocosa, dos ranchos’ (FERREIRA, 2004, p. 175).

Em 1916, um artigo do *Jornal do Comercio*, de 4 de março, destaca o crescimento, naquele ano, da novidade dos blocos, descritos como grupos uniformizados (alguns até com “gosto”, segundo o jornal), que não se “desmembraram”, ou seja, que desfilam coesos. Ainda, segundo o artigo, “todos os blocos têm denominações, mais ou menos espirituosas e pitorescas.”<sup>48</sup> (FERREIRA, 2014, p. 277)

Por exemplo, cita-se o concurso promovido pelo jornal *Correio da Manhã*<sup>49</sup>, onde o prêmio para o melhor conjunto foi para o bloco Caçadores de Veado e o melhor enredo foi destinado ao bloco Sou do Amor.

O número de concursos de blocos diminuiu consideravelmente nas décadas de 1940 e 1950. A redução de concursos de blocos na região central da cidade, deslocando-se principalmente para as praias, somada ao crescimento dos concursos de coretos nas regiões suburbanas da cidade (GUIMARÃES, 2011)<sup>50</sup>, tiveram por consequência o espraiamento das manifestações carnavalescas pelo território carioca.

Esta dispersão destacada por Guimarães (2011) foi interpretada por autores, como Moraes (1987)<sup>51</sup>, como causa do desaparecimento dos grandes blocos carnavalescos entre as décadas de 1940 e 1950, resultado este do esvaziamento do carnaval da região central da cidade. Promovendo o exercício da recordação, a partir da memória que se opera a partir do carnaval de 1957, Moraes (1987) afirma:

Depois os grandes blocos foram desaparecendo. O que hoje intitulos blocos são os improvisados, mascarados muitas vezes maltrapilhos, *sem sede nem enredo*, sem dinheiro nem glória, mas carnavalescos a valer, reunindo-se ao acaso. Não há mais os soberbos blocos do passado. (MORAES, 1987, p. 123, *grifo meu*)

<sup>47</sup> FERREIRA, Felipe. *O Livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

<sup>48</sup> Os blocos de enredo filiados à FBCERJ mantiveram esta característica. Por exemplo, podem ser citados nomes como: Bloco do Barriga, Veneno da Suburbana, Brinca Quem Pode de Santa Teresa, Canários das Laranjeiras, Baba de Quiabo, Amar é Viver, Xodó das Meninas do Jardim América, Mataram Meu Gato, Suco de Camarão, Chamego de Turiaçu, Unidos da Curtição, Garrafal, Difícil é o Nome, Cara de Boi, Durinhos de Padre Miguel, Boca na Garrafa, Mamãe Não Deixa, Boca de Siri, Baixada do Sapo, Pomba Rolou, Solta o Bicho e Vai Barrar? Nunca!, dentre outros.

<sup>49</sup> O “Dia dos Blócos”, sob o patrocínio do Centro de Chronistas Canavalescos, foi o grande acontecimento do sabbado magro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 6, 02 fev. 1932.

<sup>50</sup> GUIMARÃES, Helenise Monteiro. Batalhas de confete e coretos carnavalescos: o desenho de uma paisagem efêmera no carnaval carioca nas décadas de 1930 e 1950. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 259-272, 2011.

<sup>51</sup> MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987 (1958).

Outro exemplo relativo aos desfiles de blocos que se apresentavam estruturados por um enredo identificados, por vezes, através de expressões como *blocos com enredo*, *blocos que desfilam com alas e fantasias* ou *blocos semelhantes a escolas de samba* é ilustrado na matéria do Diário Carioca<sup>52</sup> de 1961, portanto quatro anos antes da fundação da FBCERJ.

O Bloco do “Barriga” de Copacabana, que tem sua concentração na Praça Cardeal Arcoverde, onde abriga mais de seiscentas pessoas, *este ano sairá em caráter de autêntica escola de samba*, com suas alas femininas e masculinas, diretoria organizada, diretoria de harmonia, enfim, grande modificação, onde tem em sobressalto os outros blocos de Copacabana e Ipanema. (*grifo meu*)

Desta forma, constata-se que existiam blocos cujo desfile se caracterizava a partir da apresentação de um enredo e composição de alas, identificado como uma manifestação semelhante aos ranchos e, posteriormente, às escolas de samba. Estes desfiles inclusive chamaram a atenção da imprensa que promoveu concursos de blocos, desde a década de 1920, os quais potencializaram a reunião de agremiações deste tipo em uma entidade gestora em 1965 – a FBCERJ.

Porém, contrariando RIOTUR (1991)<sup>53</sup>, que atesta a existência dos blocos de enredo desde o início da FBCERJ, em 1965, a partir das pesquisas em jornais, pode-se inferir que a nomenclatura em questão surgiu para o carnaval de 1977, após mais de dez anos de existência da FBCERJ. No início, estes blocos eram chamados de blocos carnavalescos (inclusive o nome da Federação indica esta questão).

Esta questão da mudança da nomenclatura foi confirmada por Altineu e Fagundes. Perguntados sobre o surgimento do nome “blocos de enredo”, eles lembraram que isto ocorreu quando a FBCERJ criou uma nova categoria de desfile de blocos, sendo então necessários diferenciá-los. Ela foi chamada de blocos de empolgação e, segundo os entrevistados, a intenção era organizar um desfile de competição de blocos ao estilo dos blocos de embalo (cujo desfile não tinha caráter competitivo).

Tal decisão da FBCERJ fez o número de filiações crescer consideravelmente na segunda metade da década de 1970 (não somente pela recepção aos blocos de empolgação, mas também pelo aumento considerável de novos blocos de enredo federados), representando assim maior espraiamento de seus desfiles pelo tecido urbano, aumento de

---

<sup>52</sup> Blocos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, p. 9, 12 jan. 1961.

<sup>53</sup> RIOTUR. *Memória do carnaval*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1991.

capital social e maior captação de capital econômico junto à RIOTUR no campo do carnaval carioca.

Sobre a associação com os demais blocos, em determinados momentos verifica-se um discurso que identifica os blocos de enredo como infiéis tributários da tradição dos *autênticos* blocos e, mais uma vez, como escolas de samba de proporções limitadas. As referências abaixo mostram esta construção da identidade destas agremiações por cronistas e jornalistas carnavalescos.

Sérgio Cabral, conhecido crítico de música popular, ficou surpreso com a decisão do presidente da Riotur, Vitor Pinheiro, de eliminar do carnaval carioca os tradicionais blocos de embalo.

Para Sérgio Cabral, nada poderia ser mais infeliz. Os blocos de embalo representam o verdadeiro carnaval dos bairros, e sua presença nas passarelas do samba é mais uma força para os festejos de Momo. Os demais blocos [blocos de enredo] são na realidade uma subdivisão das escolas de samba.

- *Esses é que deveriam sofrer restrições, pois não se enquadram em nenhum dos casos, isto é, não são blocos, nem tampouco escolas de samba, concluiu.*<sup>54</sup> (grifo meu)

*Bloco, antigamente, era um bando de sujeitos que se juntavam e resolviam sair por aí no carnaval, batendo lata e pulando à toa. Hoje é um negócio mais sofisticado. Quem não conhecer o assunto e estiver na Presidente Vargas às 21 horas, após o desfile dos frevos, vai achar que está vendo escola de samba. Mas serão os blocos [de enredo] do primeiro grupo*<sup>55</sup> (grifo meu)

Nas entrevistas com os profissionais, a mesma construção identitária baseada em uma diferenciação hierárquica surge. Perguntado sobre a atual percepção de diferença entre blocos de enredo e escolas de samba, Anselmo pontuou:

Tem diferença no sentido em que nós hoje temos duas categorias bem definidas, de que escolas de samba está acima de blocos. (...) O bloco já é uma coisa pejorativa, né... Quando você vê uma escola de samba ruim, você fala: parece um bloco. Então, tem esse lado pejorativo. Infelizmente, é algo cultural. O que fazer para valorizar os blocos de enredo, eu sinceramente não sei a resposta. Mas, eu acho que os blocos de enredo tem que procurar um caminho talvez próprio. Não ficar preocupado com a questão da escola de samba. Tratar de criar pontes com as escolas de samba. (...). Fundei um bloco de enredo aqui em Y. Eu vou tentar me aproximar da escola de samba X e criar um laço com X para motivar o cara que gosta da escola X a gostar do meu bloco também. E dizer que é o seguinte: a região aqui vai ter uma grande escola de samba e um grande bloco. A gente vai ser campeão das escolas de samba e campeão dos blocos.<sup>56</sup>

<sup>54</sup> Blocos: samba apela para obter subvenções. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3, segunda sessão, 25 jul. 1975.

<sup>55</sup> *Blocos reagem*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 5, 26 fev. 1972.

<sup>56</sup> Exemplo desta dinâmica encontra-se no bloco de enredo Raízes da Tijuca, o qual é composto por integrantes da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro e que ocupa sua antiga quadra, no interior do Morro do Salgueiro. Em determinados carnavais, a final da escolha do samba-enredo do bloco ocorre na atual quadra da escola de samba.

Outro ponto importante destacado por Anselmo é a identidade formadora dos blocos de enredo, baseado em uma posse de capital cultural e social que os identificam como agremiações geradoras de sambistas e elementos de apoio às escolas de samba.

Muito do que hoje a União da Ilha é, deve-se ao antigo Boi da Freguesia. O Quinho começou lá. Vários compositores até hoje atuantes como o Marquinhos do Banjo, como o Marquinhos Fuzil. Eles são cria do Boi da Ilha (...) E infelizmente o que aconteceu com o Boi da Ilha aconteceu com os outros blocos. Grandes blocos viraram escolas pequenas. Nos anos 60, 70, o Boi era maior que a União da Ilha. O Bloco Boi da Freguesia era maior do que a escola de samba União da Ilha. Há relatos que eles emprestavam os talabartes para a União da Ilha.

Outro profissional entrevistado nesta pesquisa, Joaquim relativiza esta hierarquização única entre blocos de enredo e escolas de samba, distinguindo os blocos de enredo de acordo com sua posição na hierarquia competitiva da FBCERJ, igualmente provendo tal operação com as escolas de samba e suas divisões nas entidades gestoras. Para ele, no âmbito geral, quando perguntado sobre a diferença entre blocos de enredo e escolas de samba, realizou em um recorte histórico desde a década de 1970 para afirmar que os blocos de enredo não são mini-escolas de samba: “É muito abaixo. Mas, a coisa muda de figura quando se falam dos grandes blocos, que apresentavam desfiles superiores em relação às escolas do segundo grupo e, hoje, da Intendente Magalhães.”

Joaquim também aponta para a diferenciação com as escolas de samba a partir da mudança do capital simbólico da figura do presidente de agremiação ao assumir a identidade de escola de samba, mesmo que esta mudança reduza o capital econômico de giro da agremiação:

O presidente inteligente, ele não quer virar o bloco dele em escola de samba. A não ser aquele presidente que visa o lado financeiro. Como é que você montar uma escola para ir a Intendente Magalhães, para passar na avaliação, sem dinheiro? O dinheiro que ganha após subir de grupo é usado para pagar as dívidas. A prova está aí. Todos os bons blocos da Federação que viraram escolas de samba não chegaram a lugar algum.(...) Mas, tem o ego dos presidente que quer ser de escola de samba ao invés de ser presidente de um bloco.

Quando este processo de construção identitária é demandado a profissionais que ocuparam funções públicas, voltam a destacar as diferenças a partir da visualização dos desfiles e uma hierarquização entre eles em um padrão semelhante ao relatado por Joaquim. Segundo Kátia, falando sobre as décadas de 1970 e 1980:

Eram os blocos de enredo que mais se pareciam com as escolas de 1-B [atual Série A]... Que, às vezes, inclusive, tinham blocos muito melhores que as escolas de 1-B... Isso era fato. (...) Os grandes blocos de enredo faziam desfiles

de colocar as escolas de samba fora do [grupo] especial no chinelo. O resto eram uns bloquinhos.

Historicamente, no interior da FBCERJ, verifica-se esta construção identitária no constante posicionamento relativo à caracterização de seus filiados como agremiações descoladas das escolas de samba e dos demais blocos, conforme pode ser encontrado nas matérias jornalísticas, onde elementos diferenciadores são projetados e/ou implementados.

Os blocos carnavalescos não querem ser confundidos com “pequenas escolas de samba”, foi o que disse o Sr. Mario Silva, presidente da sua Federação no Estado da Guanabara. (...) Vamos desfilar como blocos puros, sem ser preciso sair de tamanco ou de sainha.<sup>57</sup>

Está terminantemente proibido aos blocos carnavalescos trazerem em seus conjuntos mestre-sala e porta-bandeira, *para eles foi instituído o estandarte*.<sup>58</sup> (*grifo meu*).

Em relação aos entrevistados da FBCERJ, a construção identitária dos blocos de enredo é feita sob condições de contorno que ampliam o espectro das similaridades visuais e musicais e retornam com a identidade formadora, agora como lugar próprio de formação das próprias escolas de samba. Ao serem solicitados para definirem os blocos de enredo, Fagundes afirmou como “a escola para uma escola de samba”, tendo a concordância dos demais entrevistados. Esta fala posiciona os blocos de enredo como locais próprios de formação das escolas de samba, sem estabelecer qualquer tipo de hierarquização no carnaval carioca. Para eles, não há como ser uma escola de samba sem antes acumular capital cultural, social e simbólico oriundo da vivência como bloco de enredo.

As entrevistas realizadas com os componentes dos blocos de enredo e das escolas de samba mostram que, no entendimento deles, a alteridade se dá com as escolas de samba, e não com os demais blocos, a partir de um tensionamento sobre as possibilidades financeiras e a infraestrutura disponível, avaliando as implicações de ocupar cada uma destas posições no campo do carnaval carioca e o *habitus* demandado e incorporado destas opções.

No caso do Bloco do Barriga, Zenaide, Perivaldo e Sabóia relataram que os antigos baluartes sempre se mostraram contra virar escola de samba, com medo de que a agremiação terminasse, vendo o exemplo de outras agremiações que eram grandes blocos e que se tornaram escolas de samba. Sabóia e Barranco pontuaram que o Bloco do Barriga ficou grande demais para ser bloco de enredo e que já deveria ter se tornado escola de samba, opinião esta hoje já compartilhada pelos atuais baluartes. Para eles, a diferença entre bloco

---

<sup>57</sup> Blocos tem organização e parecem até escola. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 12, 12 fev. 1972.

<sup>58</sup> Os blocos carnavalescos abrirão sábado o grande desfile do carnaval da cidade. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, segunda sessão, 02 fev. 1967.

de enredo e escola de samba é meramente financeira, pois há de se consumir mais recursos para ser, de fato, uma escola de samba, visto o grande número de divisões hierárquicas a ultrapassar para um dia chegar à Sapucaí.

Para os entrevistados do Bloco Cometas do Bispo, não há as diferenças entre bloco de enredo e escola de samba, pois ambas vivem as mesmas dificuldades. Entretanto, Pedro destacou que a experiência lhe mostrou que “melhor ser um bom bloco que uma pequena escola”. Aliás, Giba, Marcos, Pedro e João nem reconhecem as escolas de samba que desfilam na Intendente Magalhães merecedoras deste estatuto. Giba foi mais enfático ao declarar que “nem são dignas de ter este nome. São umas fudidas”. Para Valdemar, o questionamento sobre a diferença entre bloco de enredo e escola de samba é mais complexo, pois perguntado sobre isto afirma que: “pelo que vejo nos desfiles dos grupos da Intendente, dá para o Cometas virar escola de samba. Até a Série B dá, pois ali é escola de samba. Na Sapucaí, são firmas.”

Giba, Marcos, Pedro e João também pontuaram questões como dinheiro, estrutura, postura<sup>59</sup> (incluindo vestimenta) e nível de comprometimento para marcar a diferença entre escolas de samba e blocos de enredo. Giba comentou que “aqui [na quadra do bloco], o pessoal vem de chinelo, diretor de camiseta e bermuda...” Porém, ressaltaram que, em termos de participação e de desfile, conforme as palavras de Marcos: “muitos blocos de enredo colocam muitas escolas de samba pequenas no chão.”

Para os entrevistados do Bloco Flor da Primavera, o nome “*bloco*” está mais associado aos blocos de rua e de embalo. Para eles, as pessoas não conseguem visualizar o que venha a ser um bloco de enredo. Na entrevista, Genaro relatou a dificuldade em explicar à Secretaria Municipal de Cultura de Duque de Caxias o que era um bloco de enredo e o porquê dele ser diferente dos demais blocos. Eles manifestaram que o projeto traçado sempre objetivou transformar a agremiação em escola de samba, pois consideraram este ser o caminho natural. Inclusive criticam a existência da Série E das escolas de samba, alegando que deveria ser o último grupo da divisão hierárquica da FBCERJ, configurando um grupo de avaliação que não permitisse diretamente a mudança de estatuto de uma agremiação para escola de samba.

Para os entrevistados do Bloco Oba-Oba do Recreio, também é uma questão natural passar de bloco de enredo para escola de samba. Perguntado sobre o porquê de ser natural esta mudança de estatuto, Geovani declarou: “Quem não quer crescer? É esperar para o

---

<sup>59</sup> Em um dos ensaios da Escola de Samba Arame de Ricardo, eu presenciei a advertência de um dos diretores a uma pessoa presente na quadra a colocar camisa. Segundo este diretor, não se pode permitir que uma pessoa entre na quadra de uma escola de samba sem estar vestido com uma camisa.

momento acontecer. Se o panorama melhorar em termos de apoio financeiro, o projeto é virar escola de samba”. Para eles, a diferença entre bloco de enredo e escola de samba está na estrutura, considerando o patrocínio, pois os apoiadores encaram os blocos de forma diferente (até por não conhecerem as diferenças entre os tipos de bloco). Perguntada sobre a percepção externa que se tem da agremiação, segundo Débora, estes colaboradores não conseguem ver sua marca projetada em um bloco de enredo da mesma forma que em uma escola de samba. Por fim, ainda respondendo sobre esta percepção externa, ela critica a imprensa por olhar os blocos de enredo como amadores em comparação com as escolas de samba dos últimos grupos de acesso.

Para o Bloco Canários das Laranjeiras, os entrevistados pontuaram que a única diferença entre blocos de enredo e escolas de samba é a questão financeira. Porém, ressaltaram que esta comparação é somente válida para as escolas de samba dos últimos grupos de acesso. Para Vicente, quando perguntado da diferença entre ser um bloco de enredo ou uma escola de samba:

O Canários era uma escola de samba que desfilava como bloco de enredo (...) Aliás, o Canários não é de Laranjeiros, era de todo o Rio e do Brasil. Ser canariano é um sentimento, uma pele. (...) O Canários é meio que o América, tem sempre espaço no coração para o Canários.

Com isso, aqui verifica-se uma identidade que transcende a localidade, relação esta que não foi explicitada por qualquer outra agremiação nas entrevistas. Para os entrevistados do bloco, isto favoreceu a agremiação em angariar simpatizantes, os quais, mesmo que em número bem menor em relação às décadas de 1970 e 1980, continuam desfilando. Atualmente, admitem que não possuem condições de voltar a ser escola de samba e que estão satisfeitos de retornarem a ser bloco de enredo. Os entrevistados revelaram que os próprios componentes hoje preferem a agremiação como bloco de enredo. Segundo Alberto: “As pessoas preferem o Canários como bloco. (...) As famílias se afastaram depois que o Canários virou escola de samba. (...) O Canários tem mais a ver com bloco de enredo.” No entendimento dos entrevistados, ‘o Canários era uma potência do carnaval’. Aqui, ocorreu o inverso do que se constatou na Escola de Samba Arame de Ricardo (a ser exemplificado mais à frente). A construção identitária se deu pelo tempo em que se constituiu como o Bloco de Enredo Canários das Laranjeiras, com os discursos dos entrevistados permeados pelas recorrentes lembranças em que a agremiação era a maior campeã da principal divisão hierárquica dos blocos de enredo. Como bloco de enredo, em vinte e dois carnavais na FBCERJ, até sua saída em 1988, conquistou dez títulos, estando fora das três primeiras

colocações em somente três oportunidades. Como escola de samba, chegou à Série A (onde ficou por dois anos) e conquistou somente um título, a Série C de 1991.

No caso da Escola de Samba Boca de Siri, os entrevistados pontuaram que a filiação à FBCERJ teve como intuito desfilar na região central da cidade, apresentando-se para outros públicos. Perguntados sobre as ações que a agremiação empreendeu para que passasse de bloco de enredo para escola de samba, Valinho relatou que os diretores supuseram que deveriam trocar de nome. Porém, admitiram que, quando chegarem à Série B (o que ocorreu para o carnaval de 2019, alterando o nome para Siri de Ramos), realizarão a mudança para “dar uma ar mais sério, para não dar a impressão de que é bloco.”, segundo Cassiano. Por outro lado, admitiram que há uma dose de arrependimento de não mais serem bloco de enredo, pois, para Valinho, “desfile de bloco é mais tranquilo de preparar e ter o pessoal da comunidade (...) É um desfile mais solto... Dava muito menos dor de cabeça que agora”.

Para os entrevistados da Escola de Samba Arame de Ricardo, a saída da FBCERJ, em 1995, não alterou o cotidiano da agremiação. Eles concordaram que este imobilismo gerou uma identificação de que a agremiação era desvalorizada, taxada de pequena escola de samba e eterna candidata ao rebaixamento. O que está em disputa é seu capital simbólico como escola de samba estruturada e organizada, com uma gestão eficiente. Praticamente não falaram do tempo em que permaneceram na FBCERJ. Apenas citaram que eram bem acolhidos na Federação e que não houve qualquer tipo de conflito na saída. Aqui, o esquecimento transpareceu um processo de restauração da imagem da agremiação. No caso do Arame de Ricardo, este processo de restauração influenciou inclusive na data de fundação, a qual não mais remetia àquela referente como bloco, mas sim quando se transformou em escola de samba. Em outros casos, mesmo com a mudança de estatuto, agremiações como Canários das Laranjeiras e Unidos do Cabral mantiveram suas datas de fundação como bloco.

No caso de Escola de Samba Unidos do Cabral, a afirmação de Vavá em dizer que “bloco é bloco e escola é escola” foi comungada pelos demais. Questionados sobre o processo que levou a agremiação a voltar a ser bloco de enredo em 2012 e o retorno como escola de samba em 2015, Vavá e Ângelo alegaram simplesmente que hoje não é mais possível voltar à FBCERJ. Após ter paralisado as atividades com bloco de enredo, em 1989, a agremiação objetivou somente promover atividades sociais e esportivas. O retorno ao carnaval ocorreu em 1998, já como escola de samba. Segundo a ata de reunião da diretoria da Unidos do Cabral de 03/08/1997, para o presidente à época, Jorge Cyriello, a solução para os problemas financeiros da agremiação seria retornar ao carnaval e como escola de samba,

mirando na subvenção de maior valor. Na ata, o presidente informou que solicitou filiação à AESCRJ e pagou R\$ 1.000,00 de taxa de filiação<sup>60</sup>. Sobre a diferença entre ser um bloco de enredo ou uma escola de samba, Ângelo admitiu que o grande momento da Unidos do Cabral foi quando era bloco de enredo.

Mas, hoje não dá mais para voltar a ser bloco de enredo. As pessoas não iriam compreender. O nome escola de samba impõe algo sério, organizado... Bloco, não. Parece coisa mais simples, mais largada. (...). Mas, depois que viramos escola, perdemos a comunidade. Tivemos que “importar” componentes para completar os desfilantes.

Sobre as escolas de samba Embalo Carioca e Feitiço do Rio, fundadas em 2016 e 2017, respectivamente, não houve a necessidade de serem anteriormente blocos de enredo. O Embalo Carioca era oriundo do bloco de embalo Embalo do Engenho Novo e a Feitiço do Rio já surgiu como escola de samba.

Para o carnaval de 2016, devido ao fato de muitos diretores serem ligados à Escola de Samba Portela, segundo Moura, a Embalo Carioca recebeu o convite do presidente dessa agremiação à época, além de mandatário da ACSN, Marcos Falcon para se filiarem a esta entidade gestora. Para Moura, “era a grande chance de ser mais e que era só ter mais gente e se organizar um pouquinho mais”.

Com os entrevistados da Escola de Samba Feitiço do Rio, constatou-se uma construção identitária de escola de samba que não passou por qualquer tipo de alteridade com os blocos de enredo ou qualquer outra manifestação carnavalesca. Formada por um grupo de amigos que se encontravam em quadras, fóruns sobre carnaval e escolas de samba na internet, desfiles na Sapucaí, ensaios técnicos e nas residências para assistir e debater desfiles antigos, os membros fundadores da Feitiço do Rio se questionavam nos anos de 2015 e 2016 sobre a perda atual de elementos característicos dos desfiles das escolas de samba. O resultado destes debates foi a iniciativa de se criar uma escola de samba com um perfil onde a afetividade e a organização como mecanismos inovadores da gestão. Logo depois, incorpora-se ao grupo o atual presidente da agremiação, o qual constatou que não era necessário vir da FBCERJ para pleitear uma vaga como escola de samba. Com isso, optaram por consumirem mais tempo para a estruturação do projeto e configurar a escola de samba. Para Fabiana, quando perguntada sobre o processo de construir uma escola de samba diretamente, sem passar pelo estatuto de bloco de enredo, comentou que: “Iríamos para bloco porque a gente acreditava que antes tinha que ficar um tempo como bloco de

---

<sup>60</sup> De acordo com um dos profissionais entrevistados ligados à imprensa, a taxa de inscrição na LIESB em 2017 seria um valor na faixa de R\$ 20.000,00 (equivalente a 21,3 salários-mínimos, o qual em 2017 era igual a R\$ 937,00). No exemplo da Unidos do Cabral, para o carnaval de 1998, a taxa de filiação à AESCRJ era equivalente a 8,3 salários-mínimos (na época, igual a R\$ 120,00). No caso do FBCERJ, seu estatuto no capítulo VII estabelece este valor em dois salários-mínimos.

enredo. Com a chegada do Antônio [atual presidente da agremiação], viu que não havia essa necessidade.” Entretanto, segundo os entrevistados, inicialmente, o Feitiço do Rio não foi bem recebido pelas demais agremiações na ACSN. Ainda na pergunta sobre processo de construir uma escola de samba, segundo Delza: “Soubemos que as demais escolas de samba nos bastidores criticavam nossa filiação. Diziam que a gente não tinha história, tradição, que vinha “do zero” (...) Além da documentação necessária, tivemos que mostrar fotos dos primeiros eventos em 2016 para sermos aceitos.”

O caso da Feitiço do Rio revela os diferentes entendimentos de tradição e modernidade, conforme pontua Santos (1998)<sup>61</sup>, pois, aqui, ressignificou-se o conceito de tradição no mundo das escolas de samba, não mais sendo um capital simbólico acumulado a partir dos anos de vivência como qualquer outra forma de manifestação carnavalesca<sup>62</sup>.

Os entrevistados da Associação Sebastiana quando perguntados sobre a identidade dos blocos de rua, eles centraram suas análises na ocupação das ruas. Para Carolina, houve um movimento de renascimento do carnaval de rua da cidade e que a Associação, pelo fato de ser a primeira, influenciou de certa forma o surgimento de outras ligas. Para Chico, a questão passa pela retomada do carnaval de rua. Os entrevistados conheciam os blocos de enredo, chegando a acompanhar os desfiles e até participando do cortejo de agremiações como Aventureiros do Leme e Canários das Laranjeiras nas décadas de 1980 e 1990, porém sem envolvimento no corpo diretivo. Sobre a diferença em relação aos blocos de enredo, os entrevistados não entenderam o questionamento, pois consideravam manifestações carnavalescas muito diferentes, estando os blocos de enredo muito mais próximos das escolas de samba.

### **Construção e manutenção das redes de apoio**

A consecução destas redes de apoio nos blocos de enredo, desde o início do empreendimento da FBCERJ, na segunda metade da década de 1960, conforme se pode consultar na pesquisa desenvolvida por Zaluar (1985)<sup>63</sup>, os membros das diretorias dos blocos de enredo deixam clara a existência de um mecenato oriundo de lideranças políticas executivas e legislativas com o uso do aparelho público. Considerando as questões apontadas

---

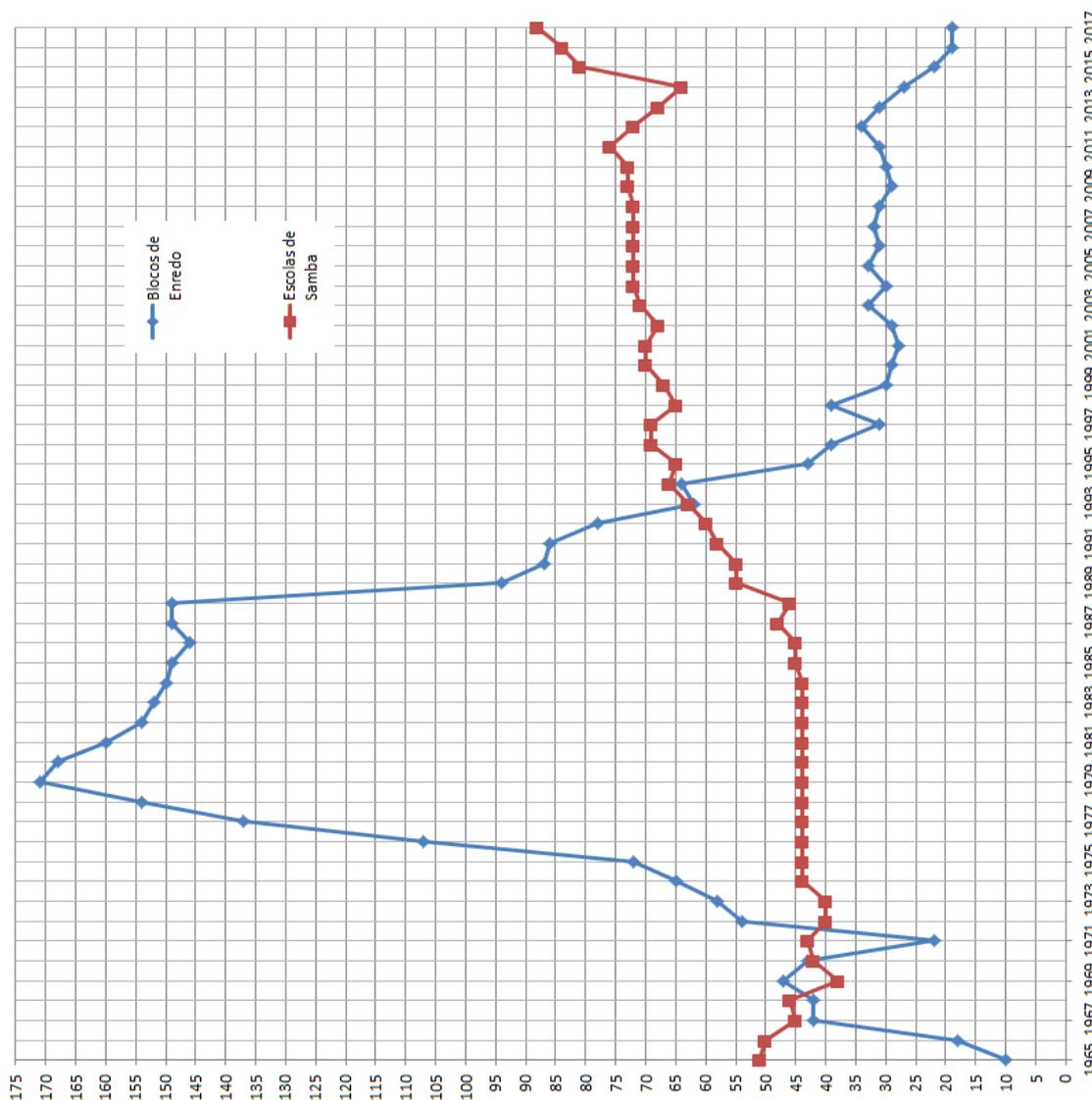
<sup>61</sup> SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Manguieira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 115-144.

<sup>62</sup> Já para o carnaval de 2018, a LIESB assumiu a gestão de todos os grupos que desfilam na Estrada Intendente Magalhães e radicalizou a processo de abertura a novas filiações. Hoje, basta possuir um registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e uma ata de fundação da agremiação, independentemente de sua origem ou capital simbólico no campo do carnaval, para se filiar como escola de samba.

<sup>63</sup> ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. Op. cit.

por Diniz (1982)<sup>64</sup> e Zaluar (1985) sobre o apoio destas redes, é perfeitamente cabível a associação destas com o crescimento do número de filiados à FBCERJ ao longo das décadas de 1970 e 1980 (Figura 1) e o espraiamento dos mesmos pelo tecido urbano, por conta da menor complexidade organizacional para a montagem de um bloco carnavalesco e à liberdade de se filiar à FBCERJ, suportados pelo exercício da gramática política do clientelismo por agentes do poder público nestas agremiações<sup>65</sup>.

**Figura 16 – Evolução do número de blocos de enredo e de escolas de samba**



Fonte: Acervo do autor

<sup>64</sup> DINIZ, Eli. *Voto e máquina política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Op. cit.

<sup>65</sup> Entre os anos de 1974 a 1984, a AESCRJ contava com 44 agremiações e não aceitava novas filiações. Para a entidade, foi um momento diferente daquele vivenciado pela FBCERJ no mesmo período. Enquanto a entidade gestora dos blocos de enredo buscava ter o maior número de filiados para aumentar seu capital social e simbólico junto ao poder municipal, segundo os entrevistados da AESCRJ, para eles esta época foi pautada pelo posicionamento de aumentar a participação dos lucros dos direitos de transmissão e da venda de ingressos. Desta forma, enquanto o capital simbólico das escolas de samba já naturalmente engendrava as relações de clientela e a manutenção da subvenção municipal, a luta no campo do carnaval carioca era entendida a partir do fortalecimento da representatividade da entidade gestora, a qual adotou a estratégia de não inflar o quadro de associados.

Esta afirmação é corroborada por depoimentos em jornais e nas entrevistas com os membros da FBCERJ. Como exemplo, o então presidente da FBCERJ Mário Silva afirmou: “O reinado de Momo vai ter bloco que não acaba mais, pois eles são mais fáceis de criar e com qualquer esforçozinho pode-se criar mais um.”<sup>66</sup> (JORNAL DO BRASIL, 1967, p. 10).

Perguntado sobre o apoio de pessoas com passagens em cargos eletivos e/ou funções públicas, ao falarem do primeiro presidente da FBCERJ, Altineu afirmou: “Tinha! O apoio político dele (do presidente Mário Silva) era o Jorge Leite. Ele era empregado da câmara, a mulher dele era e o filho era, que ele botou.”<sup>67</sup> Perguntado sobre as questões políticas na FBCERJ para manter e ampliar sua rede de apoio, Ananias lembrou que:

Muito vereador, muito deputado estadual foi eleito com o apoio do Mário Silva. Politicamente, Mário Silva era bem relacionado com todo mundo, político da situação, da oposição. A direção da Federação não se posicionava politicamente e apenas dizia que o povo estava ali e que bastaria chegar para conversar.

Diferentemente do que se constatou na pesquisa sobre o estado destas redes hoje, estes agentes do poder se constituíam em representantes da localidade, demandando dos órgãos públicos o acesso aos responsáveis por atender as demandas apresentadas por estes mediadores, estabelecendo uma relação de clientela com a localidade (KUSCHNIR, 2000)<sup>68</sup> (NUNES, 2003)<sup>69</sup>.

Atualmente, o panorama do apoio político é sua operação de forma pontual com doação de material ou financeira em períodos pré-eleitorais. Outros apoios oriundos da localidade existem e há também as redes de apoios estabelecidas com as escolas de samba.

No caso do Bloco do Barriga, todo e qualquer contato com políticos é mediado pelo presidente da agremiação, o qual conseguiu, por exemplo, as obras de muro e da cobertura da quadra. Por vezes, dependendo do desfile, há um apoio extra de ocupantes de cargos eletivos.

---

<sup>66</sup> Blocos já têm ordem de desfile. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 10, 10 jan. 1967.

<sup>67</sup> Interessante observar a trajetória de Jorge Leite, pois o referido parlamentar, que também cumpriu outras funções como agente público, foi uma das principais lideranças políticas da corrente chaguista, a qual comandou a máquina pública do Estado do Rio de Janeiro até a eleição de Leonel Brizola para o governo do Estado do Rio de Janeiro em 1982, ainda em uma época em que os prefeitos da cidade do Rio de Janeiro eram indicados pelos governadores.

<sup>68</sup> KUSCHNIR, Karina. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

<sup>69</sup> NUNES, Edson. *A gramática política no Brasil: clientelismo e insulamento burocrático*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: ENAP, 2003 (1997).

Perguntado sobre o apoio da localidade (em especial, dos comerciantes), Perivaldo reclamou:

Não levam a agremiação a sério, muitas vezes por não entenderem o que é um bloco de enredo e acharem que é bagunça, porque é bloco. (...) Não ajudam em praticamente nada e quando há evento na quadra, colocam bebida e comida mais barata que da quadra e tiram receita do bar do bloco.

Como se trata de uma localidade dominada e disputada por traficantes e milicianos, existe a tentativa de aproximação com os membros do corpo diretor do bloco, mas Sabóia esclareceu como se dá esta interação quando se perguntou desta dinâmica relacional:

Não aceitamos qualquer ajuda do tráfico. Mesmo na festa do título, não aceitamos as caixas de cerveja enviadas. Se der brecha, daqui a pouco vai ter venda de drogas e presença de gente armada na quadra. Aqui, na quadra, tem que ser um lugar seguro e poder trazer a família.

No caso do Bloco Cometas do Bispo, segundo Giba, Marcos, Pedro e João sempre houve a colaboração de lideranças comunitárias. Ainda na questão sobre a relação com a comunidade, Odair pontuou que um fator importante para o último reerguimento do bloco foi a presença da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no Complexo do Turano, pois, segundo eles, ficou mais seguro frequentar a quadra. Finalizando esta questão sobre este tipo de apoio, Valdemar afirmou que o bloco ótima relação com a associação de moradores e que “sempre aparece político pedindo apoio na época de eleição (...) Aí, quando ele chega, a gente mostra logo a lista dos dois pedidos. Três mil e quinhentos para o piso e a mesma quantia para fazer o telhado”.

No caso do Flor da Primavera, Genaro e Venâncio ao serem questionados pela rede de apoios alegaram que o apoio político é sempre pontual, próximo às eleições e sem dinheiro. Para a agremiação, Genaro lembrou que este apoio foi importante no passado, pois através de vereadores e grandes comerciantes da localidade, muito material para a obra da quadra foi obtido.

Para o Oba-Oba do Recreio, o retorno dos ensaios ao bairro de origem busca também retomar o apoio de amigos empresários locais, que apoiavam o bloco quando ele ensaiava no Recreio dos Bandeirantes. Sobre o apoio de ocupantes ou postulantes a cargos eletivos, até riram e Geovani emendou: “Professor... É só promessa. Na hora H, tudo cai fora”.

No caso do Canários das Laranjeiras, os entrevistados lembraram do mecenato do jogo do bicho. Como o bloco não tinha uma característica estritamente local, de bairro, este apoio foi mais fácil de ser obtido. Segundo Vicente:

Tinha o apoio do Careca, o bicheiro da área (...) coisa de década de 70, 80 (...) Era o nosso Castor de Andrade. Foi o auge do Canários. Ele trazia os melhores profissionais. Tinha gente que fazia carnaval das escolas de samba e fazia também o do Canários, como o Poty, figurinista da Vila Isabel, e a Maria Augusta, carnavalesca.

Conforme já abordado, o panorama nas escolas de samba dos últimos grupos de acesso não é diferente. O apoio de ocupantes de cargos eletivos era baseado na gramática política do clientelismo (NUNES, 2003)<sup>70</sup> até a década de 1990, quando muitas destas escolas de samba eram blocos de enredo.

Por fim, ao abordar as redes de apoio entre agremiações, são encontradas reflexões e realidades empíricas sobre esta situação no interior das escolas de samba dos últimos grupos de acesso para a obtenção de materiais para a consecução dos desfiles e componentes para desfilarem ou colaborar no corpo diretivo responsável pelo cortejo, por exemplo, em Barbieri (2009)<sup>71</sup>, Dantas (2014)<sup>72</sup>, Ferreira (2008)<sup>73</sup>. Com isso, capitais sociais, culturais e econômicos (não diretamente financeiro) circulam por estas redes, promovendo auxílios materiais, humanos, geração, trocas e fixação de saberes.

Estas questões operam da mesma forma que nos blocos de enredo. Porém, considerando as agremiações presentes no desenho da pesquisa, estas redes são tecidas com escolas de samba, e não com outros blocos de enredo, ressaltando-se os blocos da cidade de Duque de Caxias, os quais, a partir da Embaixada do Samba (encontro mensal entre os blocos de enredo da cidade, de setembro até o carnaval), simbolizam e materializam redes de apoio.

De forma recorrente, nas entrevistas com os membros dos blocos de enredo, os enxertos foram citados. Porém, na entrevista realizada com os integrantes do Bloco Cometas do Bispo, o assunto em questão foi trabalhado em outra perspectiva, considerando que havia e há uma colaboração mútua entre as pessoas que desfilavam e desfilam no bloco de enredo e em uma escola de samba. Segundo os mesmos, endossando as falas de Giba, Odair e Valdemar não é possível estabelecer a conceituação de enxerto, pois nunca houve uma exclusividade e a participação no bloco não implicava em não desfilarem na escola da samba.

---

<sup>70</sup> NUNES, Edson. *A gramática política no Brasil: clientelismo e insulamento burocrático*. Op. cit.

<sup>71</sup> BARBIERI, Ricardo José de Oliveira. *Conflito e sociabilidade em uma pequena escola de samba: o Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador*. Op. cit.

<sup>72</sup> DANTAS, Marcelo Bruno Ferreira. *Formas organizativas em escolas de samba: uma análise sobre a agremiação Chatuba de Mesquita*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

<sup>73</sup> FERREIRA, Antônio Eugênio Araújo. *Valorizando a batucada: um estudo sobre as escolas de samba dos grupos de acesso C, D e E do Rio de Janeiro*. Op. cit.

No caso do Cometas do Bispo, segundo Giba, Marcos, Pedro e João inicialmente esta parceria foi realizada com a Império da Tijuca (madrinha da agremiação), depois com a Unidos de São Carlos (atual Estácio de Sá) e, hoje, conforme declararam Odair e Valdemar com o Acadêmicos do Salgueiro e o Arranco do Engenho de Dentro. Esta perspectiva pode ser ancorada na fala já citada de Anselmo, quando o mesmo aponta que um caminho para a sobrevivência dos blocos de enredo é estabelecer parcerias com as escolas de samba no intuito de se fixar no imaginário carnavalesco das pessoas de uma localidade e “dizer que é o seguinte: a região aqui vai ter uma grande escola de samba e um grande bloco. A gente vai ser campeão das escolas de samba e campeão dos blocos.”

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa, recortando de forma específica o universo dos desfiles do carnaval carioca, os blocos de enredo identitariamente estão entre as escolas de samba que desfilam no Sambódromo, que refletem em maior grau o caráter estruturado das relações engendradas na *communitas* carnavalesca e os blocos de rua que buscam alcançar a plenitude desta *communitas*.

A partir deste conceito, os blocos de enredos são vistos e se veem nesta posição liminar entre o que seria um “autêntico” bloco (algo não desejado por eles) e uma escola de samba (algo não necessariamente planejado para uma consecução futura), estando com sua posição perfeitamente ajustada no campo do carnaval carioca. Desta forma, esta ambiguidade pode caracterizar sua identidade como um “bloco mais organizado” ou uma “escola de samba com mais liberdade para o componente desfilam e menos obrigatoriedades para cumprir”.

Mas, ao mesmo tempo, assumindo uma identidade formativa, a ‘escola para uma escola de samba’, a FBCERJ também reconhece o lugar da liminaridade dos blocos de enredo como rito de passagem que ocupam ao trilharem caminhos estéticos semelhantes às escolas de samba e negam a condição de não-lugar pelo fato de possuírem capital social e cultural neste “caminho natural” para que um bloco de enredo possa posteriormente construir sua identidade como escola de samba.

Com relação aos discursos alusivos à retomada ou renascimento do carnaval de rua pelos blocos de rua, os dados expostos ao longo deste trabalho refutam esta assertiva. Os blocos filiados à FBCERJ sempre estiveram presentes na rua, pois seus cortejos são realizados em ruas provisoriamente preparadas para receber o desfile. Por exemplo, em

1984, ano compreendido no período temporal pelos entrevistados da Associação Sebastiana como integrante da época dos esforços pela redemocratização do país, refletindo no início da retomada ou renascimento do carnaval de rua como forma de ocupar as ruas, verifica-se que 149 blocos de enredo (sem contar os blocos de empolgação) filiados a FBCERJ desfilaram em pistas espalhadas na cidade pelos bairros das Zonas Norte, Oeste e Leopoldina da cidade.

Relativizando o rótulo de serem identificados como simulacros de escola de samba, os blocos de enredo se mostraram ao longo da pesquisa como agremiações que perderam enormemente a capacidade de acumular capital econômico, mas que são dotadas de capital social, cultural e simbólico sem os quais o exercício de configurar o campo do carnaval torna-se débil, caso não os considere.

Por outro lado, também rejeitam o fato de serem aproximados dos blocos de rua por terem em seu cerne o objetivo que os demais blocos do campo do carnaval carioca não possuem, isto é, desfilarem em formato de parada e participarem de uma competição. Assim como nas escolas de samba, a competição é desejada e estabelecida pelos blocos de enredo, porém com elementos que os diferenciam das primeiras e reforçam o lugar da liminaridade. Desta forma, seu *habitus* no campo do carnaval carioca é caracterizado por restrições estruturais no que tange à propriedade e disputa de capital econômico e diminuição do capital social e simbólico por não serem identificados como escola de samba ou bloco de rua, impondo condições de contorno limitadas, mas ainda com certo nível de relevância, sendo não mais igual à conjuntura das décadas de 1970 e 1980, sobre as ações como agentes no campo do carnaval carioca.

Por outro lado, esta liminaridade rebate nas considerações do carnaval como rito de inversão limitado a um princípio estruturante que os organiza para brincar e restabelece a ordem após o período festivo. Para Daniel, a análise deveria ser no sentido contrário. Segundo ele, “o bloco de enredo é o caminho para escola de samba. Mas, nem todas. Eles é que é bloco, no nosso parecer.”

Recebido em 16 de janeiro de 2020

Aceito em 01 de junho de 2020